

O DISCURSO RELIGIOSO DOS VERBETES DE DOIS DICIONÁRIOS ESCOLARES SOB A PERSPECTIVA DA LEXICOGRAFIA DISCURSIVA

THE RELIGIOUS DISCOURSE OF THE VERBETES OF TWO SCHOOL DICTIONARIES FROM THE PERSPECTIVE OF DISCURSIVE LEXICOGRAPHY

José Juvêncio Neto de Souza 1
Francisco Vieira da Silva 2
Éderson Luís Silveira 3

Resumo: O dicionário é um instrumento linguístico que orienta os modos de dizer de uma sociedade, bem como um dos lugares onde ocorre incessante proliferação e reverberação de sentidos, funcionando como um gênero de estabilização dos discursos. Dessa maneira, foram observados enunciados lexicográficos nos verbetes relacionados com o tema religião, confrontando o que tem aparição em um dicionário e no outro, a fim de concentrar a atenção nas relações intertextuais e interdiscursivas no âmbito da produção do efeito de completude. Os verbetes que compõem o corpus foram retirados do Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa, de Aulete e do minidicionário de Luft, ambos do tipo 3 na classificação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). Conclui-se que o uso de dicionários e caracterizações metodológicas de apreensão do efeito de completude dos verbetes implicam não somente em uma demonstração teórica, mas visa surtir efeitos na prática pedagógica.

Palavras-chave: Léxico. Língua. Efeito de completude.

Abstract: The dictionary is a linguistic instrument that guides the ways of saying a society, as well as one of the places where incessant proliferation and reverberation of meanings occurs, functioning as a genre of stabilization of discourses. Thus, lexicographic statements were observed in the entries related to the theme religion, confronting what has appearance in one dictionary and the other, in order to concentrate attention on intertextual and interdictive relations in the context of production of the completeness effect. The entries that make up the corpus were removed from the Contemporary Dictionary of the Portuguese Language, of Aulete and the Luft minidictionary, both of type 3 in the classification of the National Program of the Textbook (PNLD). It is concluded that the use of dictionaries and methodological characterizations of apprehension of the effect of completeness of the eibtes implies not only a theoretical demonstration, but aims to have effects on pedagogical practice.

Keywords: Lexicon. Language. Completeness effect.

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. 1
E-mail: jjn_zezynho@outlook.com

Docente da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e
do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Universidade do Estado
do Rio Grande do Norte (UERN) e do Programa de Pós-Graduação em Ensino
(POSENSINO) da associação entre a Universidade do Estado do Rio Grande
do Norte (UERN), a Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA) e o
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
(IFRN). E-mail: franciscovieirariacho@hotmail.com 2

Doutorando e Mestre em Linguística pela Universidade Federal de
Santa Catarina (UFSC). E-mail: ediliteratus@gmail.com 3

Introdução

O dicionário, além de ser bastante profícuo do ponto de vista informacional, apresenta uma diversidade de possibilidades de estudo. Em sala de aula, o uso do dicionário não ocorre aleatoriamente e precisa estar aliado a formas de metodologias e esforços reflexivos que permitam ao docente olhares aguçados em relação ao exercício, que pode resultar em experiências de ensino e aprendizagem. Desde 2005 com algumas reformulações no Programa Nacional do Livro Didático, os dicionários sofreram alterações quanto à sistemática de distribuição. Dessa forma, ao invés de endereçar um dicionário para cada aluno, o Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE) disponibiliza o fornecimento para todos os anos do ensino fundamental em escolas públicas. Tal adequação apregoa outro quesito: é preciso que as obras estejam adequadas ao nível de ensino do discente. Os dicionários, então, estão subdivididos em três grupos:

Dicionários do tipo 1 - com 1 mil a 3 mil verbetes, adequados à introdução das crianças a este tipo de obra; Dicionários do tipo 2 - com 3,5 mil a 10 mil verbetes, apropriados a alunos em fase de consolidação do domínio da escrita; Dicionários do tipo 3 - com 19 mil a 35 mil verbetes, direcionados para alunos que já começam a dominar a escrita (FNDE, 2019, s. p.).

Vale ressaltar que as turmas de Ensino Fundamental I ou anos iniciais recebem dicionários do tipo 1 e do tipo 2 e as do Ensino Fundamental II ou anos finais recebem dicionários do tipo 3. Por que é importante mencionar isso? Porque pensar o uso de dicionários e caracterizações metodológicas de apreensão do efeito de completude dos verbetes implica não somente em uma demonstração teórica, mas visa surtir efeitos na prática pedagógica.

Dessa maneira, é importante investigá-los a fundo, sair da superfície e mergulhar nas múltiplas possibilidades de leitura, análise e interpretação. Nesse sentido, este artigo tem como principal objetivo propor uma reflexão sobre a composição de verbetes terminológicos relativos à religião, contribuindo para reflexões acerca do dicionário enquanto ferramenta passível de uso em sala de aula como recurso de aprendizagem, em que pode ser notada a proliferação de sentidos, discursos regularidades, imersos nos enunciados a partir de exemplos de uso dos verbetes ao longo de sua composição.

Inicialmente pode ser mencionado que a memória discursiva interfere na construção do sentido, através dos discursos que se mesclam nos dicionários em questão e nas expressões idiomáticas (EI)¹ que circulam nos enunciados de seus verbetes. Usamos como *corpus* verbetes extraídos do *Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*, de Caudas Aulete, e o *Minidicionário Luft*, ambos do tipo 3, na classificação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), para oportunizar uma leitura discursiva do texto dicionarístico, a partir do uso dos pressupostos da Análise do Discurso francesa.

Metodologicamente iniciamos uma pesquisa à luz da Análise do Discurso para debruçarmos nossa atenção aos verbetes terminológicos caracterizados com a marca de uso da religião a partir da pesquisa bibliográfica e o uso de dois dicionários. Em seguida, compreendendo o verbete como um enunciado discursivo, nossa atenção se voltou para os diferentes efeitos de sentido que circulam desses enunciados e são responsáveis pela construção da identidade religiosa nesses verbetes.

A partir do uso do dicionário em sala de aula, pode ser mencionado que a discursivização e os sentidos atribuídos para determinado verbete são reflexos da relação entre o texto dicionarístico, a linguagem empregada, o contexto de produção e de circulação atravessados pela memória discursiva que os constitui. Dessa forma, encontramos uma indispensável ligação entre o dito, o não dito, o sentido e a memória nos diferentes enunciados discursivos solidificados no texto dicionarístico que aparecem frequentemente no dicionário.

Este artigo constitui-se em três partes: a primeira corresponde à fundamentação dos

1 As EI apresentam uma grande fixidez por definição, própria às unidades lexicalizadas que aparecem, então, como tendo uma existência própria como parte do léxico e, como associações constantes, elas traduzem um hábito verbal. Há, portanto, dois estágios por que passam as EI: 1) o processo de cristalização que as torna estáveis em significação; e 2) a frequência de seu emprego. Assim, num nível mais abstrato da linguagem, consuma-se o processo de lexicalização, categorizando-as para integrarem a nomenclatura de um dicionário da língua. (XATARA, 1995, p. 195 – 210).

pressupostos teóricos, na qual nos baseamos na teoria da Análise do Discurso e na Lexicografia discursiva; em seguida partiremos para a análise dos verbetes terminológicos; por fim, em nossa conclusão, refletimos e finalizamos nossa pesquisa dando ênfase e visando promover uma abertura para outras e futuras indagações e posicionamentos acerca do tema estudado.

Fundamentação Teórica

O dicionário em sua diversidade nos traz em seu corpo uma gama de possibilidades no que concerne à análise dos verbetes, que não funcionam apenas como termos da língua propriamente dita. Os termos do dicionário trazem em si uma enorme variedade de sentidos, além de carregar nessas terminologias ideologias ligadas a fatores como classe, instituição, cultura, etc. Assim, como afirma (DUBOIS 1971, p. 43, tradução nossa) “os termos não remetem somente às palavras da língua; eles não são objetos da metalíngua “linguística”; eles remetem também a enunciados culturais, a uma visão de mundo”.

Nesta perspectiva, os verbetes possuem uma regularidade de variação de sentidos que não remete apenas à linguística, mas também faz referência aos inúmeros discursos possíveis, a partir da presença de relações parafrástica, intertextuais e interdiscursivas. Desta forma, compreendemos que o dicionário, no que diz respeito aos estudos da linguagem, é um importante instrumento pedagógico que tem como função linguística e sociocultural auxiliar na formação das mentalidades e da ideologia dos sujeitos falantes de uma determinada época.

À luz dos estudos da Análise do Discurso, percebemos que o discurso do dicionário se constrói a partir do ambiente social em que os sujeitos estão inseridos e dos mais variados discursos existentes neste campo de atuação. Desta maneira, os fatores políticos, sociais e culturais determinam a formação discursiva do indivíduo, bem como refletem em sua ideologia, que é marcada discursivamente. Quando se fala em ideologia, é preciso pensar em efeitos de unidades e é justamente este efeito de unidade, de completude, que põe os verbetes dos dicionários em funcionamento. Existe um imaginário de unidade que faz com que haja o esquecimento de que o sujeito não é fonte do dizer e que existe uma proliferação de sentidos alheia às vontades deste sujeito. Ora, as formulações dicionarísticas não escapam a este interim. Isso porque as formas materiais da ideologia se manifestam nos discursos. Não é a toa que Pêcheux propõe uma teoria discursiva “da relação do sujeito com aquilo que o representa; portanto, uma teoria da identificação e da eficácia material do imaginário” (PÊCHEUX, 1993, p. 124).

Diante disso cabe acentuar que considerando a existência (e o prolongamento) de um imaginário que se constrói a partir da ilusão de domesticação da língua é que as bases da Lexicografia Discursiva foram assentadas conforme as palavras de Orlandi (2000):

Gostaríamos de aqui acentuar que a contribuição que vemos nessas novas formas de estudos de instrumentos linguísticos é a de tornar possível mais um modo de acesso às maneiras como se constrói o imaginário da língua para aquele que a fala. Esse imaginário vai, em geral, representar a língua como um instrumento domesticável, representando, por sua vez, o controle que o sujeito teria de sua relação com a língua. Com a produção do saber metalinguístico se cria a ilusão de que se pode, com ele, dominar a língua. O dicionário e a gramática são dois bons instrumentos para isso. Ora, saber como isso funciona pode justamente nos permitir deslocar esse imaginário em seus efeitos, mostrando esses instrumentos como produzidos dentro de uma certa história de relação com a língua em suas práticas e com distintos modos de produção de diferentes formas de conhecimento sobre ela. Podemos, assim, compreender o dicionário como parte de nossa relação com a língua, valorizando seu conhecimento histórico e não apenas em sua função normatizadora. Por outro lado, e não menos importante, podemos também

2 Les termes ne se réfèrent pas seulement aux mots de la langue; ils ne sont pas des objets de métalangage <<linguistique>>; ils se réfèrent aussi à des déclarations culturelles, à une vision du monde.

compreender o funcionamento da ideologia, pois ao tomar o dicionário como discurso, podemos ver como se projeta nele uma representação concreta da língua, em que encontramos indícios do modo como os sujeitos - como seres histórico-sociais, afetados pelo simbólico e pelo político sob o modo do funcionamento da ideologia - produzem linguagem (ORLANDI, 2000, p. 99-100).

Neste sentido, existe uma relação entre o discurso do dicionário e a sociedade, ou seja, uma relação com a exterioridade da língua, não se limitando assim, a aspectos oriundos estritamente do sistema linguístico. Assim, tomando por base os fatores políticos, sociais e culturais, tais aparatos se constituem discursivamente a partir da premissa de que se pode, através de tais instrumentos, domesticar a língua. Dessa forma, assim como há uma proliferação de sentidos, uma regularidade, há também a instância de controle dos discursos, que, segundo Foucault (2012), não permite todo e qualquer sentido:

Em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 2012, p. 08-09).

No processo de composição de um dicionário, há várias acepções explicativas, oriundas de diferentes sujeitos que se inscrevem em determinadas formações discursivas que, conseqüentemente, se formam ao longo da história de uma dada sociedade, em relação (refletida e refratada, como diria Bakhtin³) de seus costumes, tradições e crenças que aparecem e desaparecem, coexistem e transformam-se em um espaço discursivo e possibilitam, ainda, verificar a presença de certos temas em dada formação discursiva. Acerca do conceito de formação discursiva podemos mencionar as palavras de Leandro Ferreira (2005) extraídas do *Glossário de termos do discurso*:

FORMAÇÃO DISCURSIVA (FD)

Manifestação, no discurso, de uma determinada formação ideológica em uma situação de enunciação específica. A FD é a matriz de sentidos que regula o que pode e deve dizer e, também, o que não pode e não deve ser dito (Courtine, 1994), funcionando como lugar de articulação entre língua e discurso. Uma FD é definida a partir de seu interdiscurso e, entre formações discursivas distintas, podem ser estabelecidas tanto relações de conflito quanto de aliança. Essa noção de FD deriva do conceito foucaultiano (1987) que diz que sempre que se puder definir, entre um certo número de enunciados, uma regularidade, se estará diante de uma formação discursiva. Na AD este conceito é reformulado e aparece associado à noção de formação ideológica (LEANDRO FERREIRA, 2005, p. 15).

A Análise do Discurso visa compreender a multifacetude das realidades histórico-sociais e ideológicas do sujeito que, por sua vez, constitui a enunciação e circulação do dito que surge no interior do seu discurso e do "Outro", caracterizados por diversos tipos de textos e discursos em diferentes níveis de funcionamento linguístico. Para Courtine (2006) a Análise do Discurso é um aparato que permite compreender a sociedade e trabalhar sua transformação por constituir-se como um objeto essencial para a compreensão das realidades históricas e políticas, aliando-se, portanto, às instâncias de um desdobramento de intervenção teórica crucial.

3 Bakhtin foi um dos autores cujos estudos contribuíram para algumas formulações da AD francesa, embora seja considerado em um campo de estudos específicos: a análise dialógica do discurso. Para maiores considerações acerca da especificidade deste campo e sua epistemologia recomendamos a consulta do texto de Luciane de Paula (2013).

Gestos analíticos

Nesta seção, iniciamos uma análise qualitativa dos verbetes terminológicos a fim de investigar as marcas ideológicas de seus enunciados, bem como destacar no texto dicionarístico os aspectos linguísticos e discursivos presentes nos verbetes em questão. Para tanto, nos apossamos dos pressupostos teóricos da Lexicografia Discursiva e da Análise do Discurso.

Nos verbetes dos dois dicionários estudados, comparamos e encontramos várias informações importantes no que diz respeito à presença de vestígios ideológicos presentes na composição de um verbete como as marcas de uso, os exemplos de uso e o próprio enunciado em questão, elementos que possibilitam uma análise sobre a composição dos enunciados e a formação ideológica dos seus enunciadores. Vejamos como os verbetes abaixo, extraídos de um e de outro dicionário apresentam características, semelhanças e diferenças significativas no que concerne aos enunciados que compõem o corpo e a microestrutura do verbete:

Verbetes extraído de Aulete:

Comunhão (co.mu.nhão) *sf.* 1 Coincidência de objetivos, gostos etc.: *Estão em perfeita comunhão de ideias.* 2 Posse mútua; COMPARTILHAMENTO: *casamento em comunhão parcial de bens.* 3 *Rel.* Ação ou resultado de comungar, de receber a eucaristia. 4 *Rel.* O momento, numa missa, em que se comunga. [Pl.: -nhões.]

Confissão (con.fis.são) *sf.* 1 Ação ou resultado de confessar(-se). 2 *Rel.* Entre os católicos, sacramento que consiste na revelação dos próprios pecados ao sacerdote e na absolvição do pecador; PENITÊNCIA. 3 *Rel.* Neste sacramento, a revelação dos próprios pecados ao sacerdote. 4 Confidência, segredo. 5 Declaração de uma crença ou doutrina [Pl.: -sões.] con.fes.si.o.na2g.

No dicionário de Aulete (2009), o verbete com a entrada “comunhão” traz consigo os três elementos essenciais que podem ser considerados para o gesto analítico que estamos propondo. O funcionamento da língua pela seleção vocabular se dá parcialmente a partir do uso de termos relacionados à religião. Isso porque no verbete Comunhão duas das quatro acepções apresentadas podem ser situadas neste âmbito. No caso do verbete Confissão das 5 explicações três estão relacionadas à religião. O termo Religião, inclusive tem aparição lexical grafada a partir de uma distinção em itálico abreviada.

Tal sinalização morfo-estilístico-lexical remete ao fato de que este verbete é um termo especializado e/ou palavra cotidiana de uso religioso. Porém, não podemos desprezar as acepções restantes, pois também ocorre a aparição de enunciados de ordem religiosa, ainda que indiretamente. Dessa forma, entendemos que tais verbetes constituem um âmbito fértil de formações ideológicas, no que diz respeito à organização e à marcação de uso refletidos nos termos específicos da religião. Podemos então mencionar que há um eixo de relações interdiscursivas e de regularidade lexical que estão relacionadas a uma memória discursiva, tal memória e sua relação com a ideologia é que permitem que sinalizemos que os verbetes estão ou não relacionados com a religião.

Pela noção de não-dito, preconizada por Orlandi (2013) presentifica-se a ideia de que mesmo as acepções não relacionadas diretamente ao discurso religioso possuem relações implícitas de filiação. No segundo verbete, por exemplo a “ação ou resultado de confessar-se” indiretamente está associada a uma condição de produção estrita: a confissão religiosa realizada perante autoridade religiosa (padre ou divindade). A ordem lexical preponderante traz o elemento gramatical “se” que diz respeito a uma ação que se opera em relação a si mesmo. Logo, o foco não seria a quem se confessa, mas o ato de confessar-se. Assim, mesmo que não seja sinalizado como relativo à religião, tal acepção é atravessada pela memória discursiva que permite tal alusão. Pode ser mencionado, então, conforme Pereira (2016), que há um efeito de natureza ideológica sobre uma base semântica que desvela um acontecimento num domínio de memória. Sobre o conceito de memória discursiva

valem as palavras de Achard (1999):

[...] a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os implícitos (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível ao próprio legível (ACHARD, 1999, p. 14).

Vejamos a seguir como são apresentados esses mesmos verbetes do *Minidicionário Luft* (2009), e quais as diferenças e semelhanças encontradas nos verbetes abaixo:

Verbetes extraídos de Luft:

Co.mu.nhão s.f. 1. Participação comum de ideias, crenças. 2. Estado de coisas que são comuns. 3 (Cat) Sacramento da Eucaristia (administração ou recepção).

Con.fis.são s. f. 1. Ação ou efeito de confessar (-se). 2. (Cat) O sacramento da penitência. 3. Credo religioso.

No *Minidicionário Luft* (2009) podem ser sinalizadas algumas diferenças em relação à composição dos enunciados de seus verbetes em relação ao dicionário de Aulete (2009), pois verificamos que o verbete com entrada “Comunhão” diferentemente do Aulete, vem logo de início separado silabicamente, em seguida encontramos a informação gramatical em itálico, por fim três acepções que formam o enunciado do texto dicionarístico do verbete em questão.

Vale assinalar que apenas a terceira acepção do termo traz consigo uma marcação de uso, entretanto o verbete apresenta a marca de uso (Cat), que é uma marca religiosa referente ao Catolicismo, o que refere-se a uma religião específica apenas, a católica, diferentemente de Aulete que traz em seu verbete a marca de uso (Rel), que se refere ao âmbito de um coletivo de religiões e doutrinas espalhadas pelo mundo. No segundo verbete, acontece o mesmo, pois a entrada vem separada silabicamente e em negrito, seguida da informação gramatical e, por fim, três acepções formam o texto do verbete. Vale ressaltar que como no verbete anteriormente analisado apenas uma das acepções traz a marca de uso, que também é a (cat), que faz referência ao catolicismo.

Vale destacar que a especificação não é aleatória, pois “há sempre no dizer um não-dizer necessário” (ORLANDI, 2013, P. 82). O funcionamento da ideologia deve ser apreendido justamente aí onde a presença de elementos específicos se torna determinante para pensar sua relação com a exterioridade. Nas palavras de Silveira e Fátima (2019a):

Analisar um pronunciamento enquanto fato de linguagem remete à necessidade de enveredar por ressonâncias, produções de efeitos de sentido e sobre o funcionamento da ideologia que, ao invés de ser pensada como imutável ou “óbvia”, leva-nos a pensar acerca de elementos determinantes de sentido presentes nos discursos refletindo a exterioridade (SILVEIRA; FÁTIMA, 2019a).

Considerando o estudo de Orlandi (2000) acerca da Lexicografia discursiva podemos mencionar que o texto dicionarístico é produzido em certas condições sócio-históricas, tendo seu processo de produção ligado a uma determinada rede de memória diante da língua, da cultura, da sociedade e das palavras e contextos de uso em circulação em determinada época. Nesse sentido, a Análise do Discurso remete às condições de produção, às formações discursivas, à memória dos discursos dos dicionários.

Assim ressaltamos que o lexicógrafo e sua equipe trazem consigo toda uma mescla histórico e cultural de informações têm aparição no verbete de seu dicionário independentemente de sua doutrina e da convicção religiosa a qual pertence, dessa forma citamos dois verbetes retirados de Aulete, que trazem informações de religiões distintas. A escolha lexical pelo vocábulo abreviado *Rel* implica em uma seleção vocabular numa marca registrada de uma memória que se inscreve no discurso enquanto caracterizadora da pluralidade de termos que se filiam a um determinado

elemento lexical: ao utilizar *Rel* ou *Cat* tal escolha sinaliza um efeito de sentido que reforça o particular ou uma abrangência mais ampla. Tal efeito de sentido não passa despercebido do sujeitos-leitores que, ainda que inconscientemente, podem captar a informação do não-dito numa remissão de enunciados e discursos que reforçam tal seleção vocabular. Falar em um aglomerado de religiões entre as quais se destaca uma é uma coisa. Mencionar implicitamente que cabe apenas ressaltar a informação sobre que religião ou doutrina pertence o enunciado apresentado produz outro efeito. Vejamos:

Verbetes Extraídos de Aulete:

Buda (*bu.da*) *sm*. 1*Fil. Rel.* No budismo, nome dado a todo aquele que atinge a iluminação, o mais alto grau de elevação espiritual. 2*Fil. Rel.* Título de Siddharta Gautama (séc. VI-V a. C.), o fundador do budismo. [Com inicial maiúscula] 3 Imagem (ger. Uma pequena estatueta) que representa o fundador do budismo.

Messias (*mes.si.as*) *sm2n*. 1*Rel.* Originalmente, para o judaísmo, enviado de Deus que deverá salvar e redimir a humanidade de todos os males; para o cristianismo, Jesus; REDENTOR. 2 Pessoa em que se deposita a esperança de uma profunda mudança social. *mês.si.â.ni.co a.*

Como pode ser notado, os verbetes inseridos acima tratam de duas religiões diferentes. Todavia a aparição do elemento genérico *Rel*, isoladamente, não estabelece um efeito de especificidade entre os elementos associados à divindade das duas religiões. Portanto, temos o Buda, deus do budismo, no primeiro verbete, associado a uma tradição religiosa (primeira explicação) e a especificação de uma pessoa que alcançou tal condição (explicação número 2). No segundo verbete o Messias é apresentado tanto como sendo o Deus do judaísmo, como do cristianismo, ao qual remete àquele que os adeptos do cristianismo conhecem pelo nome de Jesus, mas também outro sentido é mobilizado: o do senso comum, no qual não se trata de uma pessoa específica, mas de alguém com características reconhecíveis (pessoa em que se deposita a esperança...). Vale ressaltar que a marca de uso produz um efeito de equivalência ou similitude entre tais deuses, pois “Buda e Messias” têm na composição e estruturação de seus verbetes a marca de uso (*Rel*), que tem a função de identificar tais verbetes como específicos da religião.

O efeito de completude aí produzido se dá a partir da ativação de uma memória discursiva associada a uma instância ideológica na qual ambos são elementos religiosos. Ocorre, portanto, no âmbito de uma condição de produção específica que os aproxima enquanto elementos filiados ao discurso religioso. Antes deste momento havíamos mencionado o uso de um elemento classificador distintivo *Cat*, mas, como se verá abaixo, ainda que um livro associado a uma determinada religião seja utilizado como explicação para a historicidade do termo Messias, o *Minidicionário Luft* não se utiliza mais do elemento distintivo *Cat* e passa a utilizar o elemento *Rel*.

No que concerne ao verbete “Messias” encontramos semelhanças significativas com Aulete vejamos:

Verbete extraído de Luft:

Mes.si.as s.m. 2n. 1. (Rel.) O redentor prometido no Antigo Testamento, o ungido de Deus; Jesus Cristo (inic. maiúsc..). 2. (fig.) Pessoa ansiosamente esperada como reformadora ou salvadora de um povo. → messiânico *adj.*

Como podemos perceber esse verbete traz em seu enunciado características que se aproximam do verbete trazido por Aulete e, diferentemente dos verbetes anteriores apresentados em Luft, este verbete apresenta a marca de uso *Rel*, para fazer referência ao verbete, o que demonstra um efeito de coerência e a relação de intertextualidade entre um dicionário e outro, pois a marcação de uso religiosa nesse verbete, assim como em Aulete, se refere à religião como um todo, mesmo que a primeira acepção traga um enunciado que remete a uma especificidade religiosa. Vemos

também uma acepção que não está necessariamente associada a um viés religioso já que o caráter reformador ou salvador de um povo pode também estar associado a um caráter de redenção diante de uma situação de calamidade coletiva (relacionado ao sentido figurado da expressão).

Ao investigar esses mesmos verbetes no *Minidicionário Luft* percebemos que o verbe “Buda” não tem aparição, embora possamos identificar verbetes aproximativos tais como budismo e budista. Por outro lado, não pode passar despercebido o fato de haver alusão a uma divindade religiosa e não a outra, ainda que adjetivos como aqueles relacionados aos que exercem tal doutrina tenham aparição enquanto verbetes explicitados no segundo dicionário. É dessa forma que a argumentação se marca no funcionamento da língua via seleção vocabular (SILVEIRA; FÁTIMA, 2019b).

Assim, a ausência do verbe Buda convoca-nos a pensar no processo de significação em relação à presença do verbe Messias. Há um silêncio constitutivo, um não-dizer que remete à produção de sentidos sobre uma hierarquização entre religiões: determinado líder religioso pode ser mencionado e outro não. Tal esquecimento não se produz na aleatoriedade e não se deve atribuir, tampouco, ao reducionismo de justificar como soberania do sujeito que enuncia. Isso porque “[...] as relações intertextuais e discursivas como indicadores desse modo sócio-histórico de conceber a relação com a língua no dicionário” (ORLANDI, 2000, p. 98). Dessa forma, a circulação da memória, ao invés de se esgotar, textualiza-se no âmbito de instâncias ideológicas que conferem um caminho de legibilidade, produzindo, assim, um efeito de completude em ambos os dicionários. Não é a toa que para Orlandi (2000) o funcionamento do dicionário ocorre justamente no âmbito da relação do sujeito com a língua e com a memória discursiva e é quando se reflete acerca de sentidos em estado dicionarístico que se torna possível compreender o funcionamento do dicionário, porque é também através deste artefato que são praticadas as políticas da língua, sobretudo na necessidade de unidade que a língua nacional apresenta.

Considerações Finais

O estudo em questão, a partir de verbetes extraídos do *Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa*, de Caldas Aulete (2009) do *Minidicionário Luft* (2009), buscou promover uma aproximação entre os estudos da Lexicografia Discursiva e a Análise do Discurso proporcionando compreender o funcionamento da memória discursiva e das relações intertextuais e interdiscursivas presentes nos enunciados dos verbetes terminológicos relativos à religião.

Para tal empreendimento identificamos que o uso de terminada terminologia, as ausências e exclusões lexicais não ocorrem de modo aleatório bem como os sujeitos que elaboram dicionários não podem estar alijados das condições de produção, as instâncias sociais e culturais nas quais existem enquanto sujeitos historicizados. Pensar a relação do sujeito com a língua e com a história remete ao fato de que as análises permitiram averiguar que o funcionamento da memória não se esgota, textualizando e produzindo efeitos de sentido distintos em cada caso.

Assim como não se apregoa a soberania do sujeito alega-se que, discursivamente, sua relação com a língua se dá a partir da relação com o outro, já que este nunca é fonte dos sentidos nem o elemento do qual se origina o discurso. Constitui, como afirma Leandro Ferreira (2005), uma relação ativa no interior de uma dada FD ao mesmo tempo em que é determinado e afetado por ela. Do mesmo modo como a incompletude é inerente ao sujeito também os textos em estado dicionarístico são estabelecidos a partir de um efeito de completude. Para Auroux (1992), que cunhou a noção de instrumento linguístico, dicionários e gramáticas são tecnologias que podem ser caracterizadas como pilares de nosso saber metalinguístico. No entanto, é preciso assinalar a existência de um imaginário que apregoa a – ilusão - de domesticação da língua que diz respeito à relação do sujeito com a língua. Desse modo, o uso de dicionários e caracterizações metodológicas de apreensão do efeito de completude dos verbetes implica não somente em uma demonstração teórica, mas visa surtir efeitos na prática pedagógica, em que tomar o dicionário como discurso permite compreender como sujeitos historicamente situados no mundo produzem linguagem.

Referências

ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In.: ACHARD, Pierre; DAVALLON, Jean; DURAND, Jean-Louis; PÊCHEUX, Michel; ORLANDI, Eni. (Orgs.). **O papel da memória**. Campinas-SP:

Pontes. 1999. 11-23.

AULETE, Caldas. **Minidicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 2 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

COURTINE, Jean- Jacques. **As metamorfoses do discurso político**. Derivas da fala pública. São Carlos: Claraluz, 2006.

DE PAULA, Luciane. Círculo de Bakhtin: uma análise dialógica do discurso. **Revista de Estudos da Linguagem**, v. 21, n. 1, p. 239-258, 2013.

DUBOIS, Jean. **Introduction à la lexicographie**: Hague, Mouton, 1971. Le dictionnaire. Paris: Larousse, 1971.

FNDE. **Programas do Livro. Histórico**. 2019, s. p. Disponível em: < <http://www.fnde.gov.br/programas/programas-do-livro/pnld/remanejamento/item/518-hist%C3%B3rico?highlight=WYJlc2NvbGEiXQ==> > Acessado em 26 de out. 2019.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 2012.

LEANDRO FERREIRA, Maria Cristina. **Glossário de termos do discurso**. Porto Alegre: Instituto de Letras da UFRGS, 2005.

LUFT, Celso Pedro. **Minidicionário Luft**. 22. ed. São Paulo: Ática, 2009.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11. ed. Campinas: Pontes, 2013.

ORLANDI, Eni. **Lexicografia Discursiva**. **Alfa**, n. 44, p. 97-114, 2000.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: UNICAMP, 1993.

PEREIRA, Anderson Carvalho. Memória discursiva e ideologia: análise das propagandas dos grandes eventos esportivos do Brasil contemporâneo, **Revista IntertexTo**, v. 9, n. 2, p. 1-17, 2016.

SILVEIRA, Éderson Luís; FÁTIMA, Wellton da Silva de. A (des)ordem das ciências humanas na política: efeitos, sentidos e ressonâncias do discurso presidencial, **Cadernos do CNLF**, Rio de Janeiro, vol. XXIII, n. 3, p. 27-33, 2019.

SILVEIRA, Éderson Luís; FÁTIMA, Wellton da Silva de. Sentidos e discursividades sobre a ciência na educação: o funcionamento do utilitarismo em sugestões legislativas. In: SOUSA, Ivan Vale de. (Org.). **Grandes temas da educação nacional**. Vol. 4. Ponta Grossa: Atena, 2019, v. 4, p. 170-185.

XATARA, Cláudia Maria. O resgate das expressões idiomáticas. **Alfa**, v. 39, p. 195-210, 1995.

Recebido em 26 de outubro de 2019.

Aceito em 17 de janeiro de 2020.